



SEÇÃO: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Literatura infantil e juvenil brasileira e HIV/Aids: uma história ainda pouco contada¹

Brazilian Children's and Young Adult Literature and HIV/Aids: a still little-told history

Isaque da Silva Moraes²

orcid.org/0000-0001-5819-4010
moraes.isaque050@gmail.com

Daniela Maria

Segabinazi²

orcid.org/0000-0002-5344-775X
dani.segabinazi@gmail.com

Recebido em: 28/01/2023.

Aprovado em: 12/10/2023.

Publicado em: 30/11/2023.

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar um panorama historiográfico da literatura infantil e juvenil brasileira que tematiza o HIV/Aids, pois se constata um apagamento desses textos literários em diferentes produções teórico-críticas brasileiras sobre o tema. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, com o intuito de localizar textos literários que foram publicados de modo impresso. A partir disso, constatou-se que predominam os textos ficcionais e em prosa sobre a temática, com ênfase nos livros direcionados ao público jovem. Ademais, verificou-se que a relação entre esses sistemas literários e o espaço escolar é intrínseca, uma vez que muitos textos foram produzidos dentro desse contexto. Nesse sentido, a pesquisa tem como base os postulados de Bessa (1997, 2002), Moriconi (2020), Sousa (2015a, 2015b, 2016), Fonseca (2019, 2020, 2022), Elman (2012), Silveira e Silveira (2016, 2019), Lajolo e Zilberman (2007), Gross, Goldsmith e Carruth (2010), entre outros.

Palavras-chave: Literatura infantil. Literatura juvenil. HIV/Aids. Brasil.

Abstract: This work aims to present a historiographical overview of Brazilian children's and young adult literature that deals with HIV/Aids, since these literary texts have been erased in different Brazilian theoretical-critical productions on the subject. To this end, it was developed a qualitative bibliographic and documentary research, with the aim of locating literary texts that were published in print. On this basis, it was found that fictional and prose texts on the subject predominate, with emphasis on books aimed at young people. Furthermore, it was found that the relationship between these literary systems and the school space is intrinsic, since many texts were produced within this context. In this sense, the research is based on the postulates of Bessa (1997, 2002), Moriconi (2020), Sousa (2015a, 2015b, 2016), Fonseca (2019, 2020, 2022), Elman (2012), Silveira and Silveira (2016, 2019), Lajolo and Zilberman (2007), Gross, Goldsmith and Carruth (2010), among others.

Keywords: Children's literature. Young Adult Literature. HIV/Aids. Brazil.

Considerações iniciais

"Calar-se significa a morte, não só física mas também simbólica e discursiva"
(Marcelo Secron Bessa).

A epígrafe que introduz este artigo foi retirada do livro *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a aids*, no qual Marcelo Secron Bessa (1997) faz referência ao slogan "Silence = Death", do grupo ativista norte-americano Act Up, cujo empenho, nos anos iniciais da epidemia de HIV/Aids, foi afirmar o quão necessário era – e ainda é – discutir so-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este trabalho foi fomentado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

² Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras, João Pessoa/PB, Brasil.

bre essa temática em diferentes contextos. No entanto, como salienta o autor, o silenciamento referido não se inscreve apenas no campo físico da morte em decorrência da Aids, mas também nos campos simbólico e discursivo, que foram contaminados por diferentes discursos oriundos de diversas esferas, desde a biomédica até a literária.

Na tentativa de não incorreremos nesse óbito, este trabalho intenciona positivar a literatura infantil e juvenil (LIJ) brasileira que tematiza o HIV/Aids, uma vez que se constata um apagamento desses textos nas pesquisas e na circulação midiática. Quando falamos desses sistemas literários, é preciso considerar suas especificidades tanto nas questões de produção quanto nas de circulação e recepção desses textos. Todavia, por serem campos de difícil apreensão total e em expansão, principalmente com o advento da era tecnológica, debruçar-nos-emos apenas sobre o aspecto da produção das obras que abordam a temática especificada, com ênfase nas impressas.

A escolha pelo recorte se dá em decorrência da ausência e/ou escassez de estudos teóricos, críticos e sistemáticos que relacionem os dois campos, como será evidenciado nas discussões e análises ao longo deste artigo, uma vez que, nos estudos sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, os livros que abordam o HIV/Aids são escassos, da mesma forma que, nos estudos sobre a literatura que tematiza o HIV/Aids, esses textos literários sofrem uma espécie de apagamento, o que configura uma história ainda pouco contada.

Posto isso, metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, pois toma como base estudos teórico-críticos sobre literatura e HIV/Aids, bem como literatura infantil e juvenil brasileira, para constatar um apagamento no decorrer da história. Para tanto, realizaremos uma explanação dos principais autores que discutem o primeiro viés, a exemplo de Bessa (1997, 2002), Moriconi (2020), Sousa (2015a, 2015b, 2016), Fonseca (2019, 2020, 2022), entre outros, e dos relacionados à segunda perspectiva, como Silveira e Silveira (2016, 2019)

e Turchi (2016), além de perspectivas comparativas com o cenário norte-americano, a partir de Gross, Goldsmith e Carruth (2010) e Elman (2012). Em seguida, serão apresentados um panorama histórico da LIJ com a temática especificada e os entrelaçamentos crítico-teóricos sobre esse enfoque, em consonância com os autores que dão base à discussão.

Por último, salientamos que grande parte das pesquisas panorâmicas sobre literatura infantil e juvenil brasileira perfaz até as décadas de 1970 e 1980, de tal modo que o contemporâneo ainda é parcamente explorado, mas também de laborioso embargo total. São lacunas como essas que engendram pesquisas de fôlego e qualidade para maior compreensão do cenário literário.

1 Uma história pouco contada: o apagamento por meio de uma revisão de literatura

Em primeira instância, é necessário rememorarmos o contexto da época, a fim de não realizarmos considerações anacrônicas e distanciadas acerca do tema aqui proposto para a discussão, pois, como defende Bessa (1997, p. 35), a epidemia no Brasil possui características próprias, e "basear-se em modelos epidemiológicos internacionais desvia o reconhecimento de um contexto social e cultural próprio, e, deste modo, de como esse mesmo contexto constrói a epidemia e a ela responde".

Nessa perspectiva, é possível afirmar que, no Brasil, os estudos teórico-críticos sobre textos literários que tematizam o HIV/Aids surgem ainda na década de 1990 e têm como expoente principal as obras de Marcelo Secron Bessa: *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a aids* (1997), fruto da dissertação de mestrado em Letras do autor, e *Os perigosos: autobiografias e AIDS* (2002), resultado do doutorado em Estudos da Literatura. Na primeira, Bessa (1997) conceitua a *epidemia discursiva*, isto é, um período em que os diferentes discursos do meio social foram contaminados com as metáforas e indeterminações científicas que perpassaram o início da epidemia, de maneira tal que foi refletido na mídia, na literatura e no

próprio discurso biomédico.

Essa discursividade epidêmica foi a responsável pela propagação de termos como "peste gay" e "câncer gay", da ideia do HIV/Aids como um vírus/doença do outro, e, nesse caso, que configurou a falsa equação "Aids = homossexualidade", e das metáforas militares que envolveram a doença, colocando-a em uma posição de "estrangeira" e "invasora". Essas últimas estão ancoradas nas proposições de Susan Sontag (2007), no célebre ensaio *AIDS e suas metáforas*, que contribuiu singularmente para a compreensão da temática e de seus efeitos de sentido discursivos.

Na segunda parte desse livro, Bessa (1997) se dedica, em especial, à análise dos escritos de Caio Fernando Abreu e Herbert Daniel – cartas, contos, romances e outros textos –, dois dos principais escritores da literatura brasileira que tematizaram o HIV/Aids no início da epidemia, e evidencia recursos linguísticos-discursivos notáveis utilizados para essa tematização, como as elipses na prosa de Caio Fernando.

Em *Os perigosos* (2002), por sua vez, o autor realiza um trabalho de fôlego à época e sistematiza diferentes escritores que produziram narrativas – ficcionais e autobiográficas – perpassadas pela Aids, como Caio Fernando Abreu, Alberto Guzik, Jean-Claude Bernardet, Valéria Piassa Polizzi, Mário Rudolf e outros, por meio de análises críticas e de entrevistas com alguns deles.

Além disso, no prefácio da obra – "Antecedentes" –, ele realiza uma espécie de panorama inicial sobre o seu objeto de interesse e distingue terminologias conceituais, como "literatura da aids" – muito utilizada nos primeiros textos sobre o tema e que abrange diferentes produções sobre HIV/Aids, não necessariamente ficcionais, assim como caracteriza os aspectos constituintes dessa literatura a partir de três pilares: (i) relação direta do autor com a síndrome; (ii) narração da experiência ao leitor; e (iii) avidez extrema que desperta no público-leitor (BESSA, 2002, p. 11).

Contudo, é necessário demarcar que a sistematização das características realizadas pelo autor se refere principalmente às obras publicadas até o final da década de 1990, que são, sobretudo, relatos dos escritores acerca de suas vivências com a síndrome, algumas sob a capa da ficção, como situa o crítico.

É nesse cenário, em especial no capítulo dedicado aos escritos de Mário Rudolf, que Bessa (2002, p. 369) menciona, dentre outros livros escritos por Rudolf, "um pequeno romance sobre a AIDS destinado ao público infantil", este era *Bravo: pai da esperança. Mãe do sorriso. Discipulo da solidariedade. Namorada do amigo. Que viveu com AIDS* (1992), uma das primeiras obras voltadas ao público infantil/juvenil que tematiza o HIV/Aids; mas, sobre ele, o crítico não tece nenhum comentário, pois se aprofunda nas tensões do romance *De agosto a agosto com muito gosto* (1990).

Nesse livro, Bessa (2002) também destaca a importância da obra de Valéria Piassa Polizzi (1997), *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS*. Destinado ao público jovem, o crítico afirma que o diário foi destaque por diferentes razões, como a mudança epidemiológica da Aids, o aumento da infecção de mulheres heterossexuais pelo HIV, assim como dos jovens, e a expressividade de projetos educativos para o público juvenil, pois dialogava com ambas as parcelas da sociedade, além de começar a ser utilizado como paradigmático em escolas do ensino básico e médio (cf. BESSA, 2002, p. 325-326).

Ademais, ele salienta que o livro é um dos poucos escritos por mulheres no Brasil que tematizou o HIV/Aids nas primeiras décadas da epidemia. Ainda no capítulo dedicado à escritora, o autor menciona que essa não foi a primeira obra destinada ao público juvenil a tematizar o HIV/Aids³, mas foi um estouro comercial significativo, na década de 1990, sendo publicada em

³ No capítulo intitulado *Valéria Polizzi: a nova face da epidemia*, Bessa (2002) menciona como outras obras da literatura juvenil que tematizaram o HIV/Aids, à época, os livros *Enquanto houver vida viverei* (1992) e *Um sonho dentro de mim* (1994), de Júlio Emilio Braz, *A corrente da vida* (1993), de Walcyr Carrasco, e *AIDS: e agora?* (1992), de Luiz Cláudio Cardoso. Todavia, o crítico não comenta sobre esses textos e os coloca como tentativas iniciais dessa literatura de abordar a temática em questão. Além disso, no processo da pesquisa, constatamos que a primeira edição do livro de Luiz Cardoso foi publicada ainda em 1989.

diversos países, como Alemanha, Itália, Portugal, Argentina, Chile, entre outros, e que foi reeditada dezenas de vezes desde sua primeira publicação.

No entanto, apesar de seu caráter precursor, o foco de Bessa se deu sobre textos em prosa, não desenvolvendo pesquisas sobre a poesia, a exemplo. Tal lacuna, dentre outros fatores, é o que motiva os principais trabalhos de Leandro Noronha da Fonseca (2019, 2022), cujo foco recai na poesia contemporânea brasileira que aborda a temática. Fonseca (2022) também realiza um panorama dos textos poéticos produzidos no Brasil que tematizaram o HIV/Aids, ao longo da história, com ênfase na primeira antologia poética do país voltada ao vírus e à doença, o livro *Tente entender o que tento dizer* (2018), organizado por Ramon Nunes Mello, e que é *corpus* de sua pesquisa. Em seu percurso investigativo, o pesquisador também não aborda textos poéticos voltados a crianças e jovens.

Evidencia-se, ainda, a contribuição de Alexandre Nunes de Sousa (2015a, 2015b, 2016), que conceitua a literatura pré e pós-coquetel, demarcando o advento das medicações para o tratamento do HIV/Aids como transformador da abordagem do tema nos textos literários. As primeiras delimitações conceituais realizadas por Sousa (2015a, 2015b) se detêm em apontamentos de títulos publicados no Brasil e nos Estados Unidos da América (EUA) que se inscrevem nos períodos pré e pós-coquetel. O texto intitulado *Literatura pós-coquetel* é dividido em duas partes, e, na primeira, como integrante do período pós, o autor menciona o romance juvenil *Dois garotos se beijando* (2015), do escritor norte-americano David Levithan, traduzido e publicado no Brasil em 2015, mas não cita nenhuma obra brasileira direcionada ao público infantil e juvenil.

Outro pesquisador que se destaca é Maurício da Anunciação (2020), que se debruça acerca da escrevivência de corpos negros sobre o tema, na vertente dos estudos culturais. Ainda envolto nessa gama de pesquisadores que se dispuseram

a discutir a relação entre literatura e HIV/Aids, não é possível esquecer do primoroso ensaio de Italo Moriconi (2020), intitulado *Urgência, orgia: escritas da Aids*, no qual o autor discute acerca das "escritas da Aids" e da sua relação com a literatura de urgência, que é conceituada por ele como textos produzidos a partir de condições/experiências extremas, a exemplo da Aids.

Deparamo-nos, também, com um artigo elucidativo de Melo e Penna (2017), que lançam o olhar sobre os textos circunscritos na era pós-coquetel, consubstanciando expandir as percepções na abordagem temática da era em questão. Apesar disso, nenhum dos teóricos até então citados direciona o olhar para os textos infantis e juvenis brasileiros que tematizam o HIV/Aids.

Como situado, em diferentes textos teórico-críticos brasileiros que abordam HIV/Aids e literatura, é possível constatar um apagamento das obras infantis e juvenis nas discussões. Entretanto, essa exiguidade não ocorre somente no cenário brasileiro. No livro *HIV/Aids in young adult novels: an annotated bibliography*, no qual há um esforço de realizar um aporte bibliográfico das novelas juvenis em língua inglesa que tematizam o HIV/Aids e que objetiva proporcionar aos jovens novos imaginários acerca da epidemia por meio da literatura, Gross, Goldsmith e Carruth (2010, p. 9, tradução nossa⁴) afirmam:

Infelizmente, é difícil identificar ficção que contenha assunto sobre HIV/AIDS, pois esses livros raramente são catalogados para esse conteúdo, nem esse conteúdo é revelado de forma consistente nas resenhas publicadas. Isso dificulta sugerir títulos para jovens ou adultos interessados, bem como saber quais livros contêm informações úteis para os jovens, para uso em sala de aula, ou para promover a discussão em outros contextos de informação.

No contexto brasileiro, também é possível nos defrontarmos com essa dificuldade, uma vez que os dados catalográficos das obras geralmente as inscrevem somente em índices como literatura, literatura brasileira e/ou literatura infantil/

⁴ No original: "Unfortunately, it is difficult to identify fiction that contains subject matter about HIV/AIDS, as these books are seldom cataloged in published reviews. This makes it difficult to suggest titles to young people or interested adults, as well as to know which to young people or interested adults, as well as to know which books contain useful information for young people, for use in the classroom, or to promote discussion in other information provided" (GROSS; GOLDSMITH; CARRUTH, 2010, p. 9).

juvenil, entre outras classificações. Todavia, para além das dificuldades editoriais e catalográficas, constata-se o apagamento desses livros quando direcionamos nosso olhar para os textos teórico-criticos que se debruçam acerca da literatura infantil e juvenil brasileira. Em primeira instância, é necessário compreender, como argumentam Silveira e Silveira (2016, p. 393), que "essa literatura [é] um tanto refratária a temas que não possam ser resolvidos, num enredo, com um final feliz".

Logo, depreende-se que os entraves relacionados à abordagem temática fazem parte do engendramento de um sistema literário que se reorienta a partir das definições e da consolidação dos conceitos de infância e adolescência, que ocorrem, respectivamente, nos séculos XVII e XX, uma vez que, em sua gênese, temas polêmicos, como morte e violência, já perpassavam os textos oriundos da oralidade e que, depois, são direcionados ao público infantil e juvenil.

Não obstante, pesquisadoras como Silveira e Silveira (2016, 2019), que tensionam se debruçar sobre a relação entre LIJ e doenças, culminam suas pesquisas com direcionamento para outras patologias, como o câncer. Outra vertente, na qual é possível constatar esse apagamento, é a da utilização das obras literárias que tematizam o HIV/Aids apenas pelo viés pedagógico/didático, visto que, por surgirem em um contexto de inexatidão sobre o vírus e a doença, muitos desses textos visavam apresentar e discutir o tema, assim como informar sobre a prevenção.

Essas obras surgem em consonância com um período de literaturas emergenciais – no sentido proposto por Moriconi (2020) –, ou seja, propiciadas por um contexto extremo. Nesse sentido, Elman (2012) pontua que, na década de 1980, em decorrência dos movimentos sociais, surge, no cenário estadunidense, uma literatura emergencial que a teórica denomina de *teen sick-lit*, na qual o câncer também é a doença mais recorrente nos textos por ela analisados.

No Brasil, por sua vez, esse subgênero (cf. SILVEIRA; SILVEIRA, 2019, p. 112) tem ênfase após 2010, principalmente com a tradução e circulação de textos norte-americanos voltados aos jovens,

gerando diversas polêmicas sobre os temas que são abordados nos textos voltados a esse público. No entanto, como elucida Turchi (2016), temas como doença, morte, abusos, violência e tantos outros são tematizados desde antes das obras da geração 2000, ou seja, no cenário emergencial destacado.

Portanto, constata-se que, em consonância com o cenário do HIV/Aids, surgem os textos infantis e juvenis em resposta à epidemia, pois a relação entre literatura e sociedade é intrínseca, e a segunda reverbera vividamente na primeira. Para além dessas perspectivas, é significativo considerar que a LIJ estava, também, em seu processo de expansão e consolidação, assim como o mercado editorial e o ensino superior brasileiro – responsável pela maioria dos textos teórico-criticos que surgem acerca da temática e pela sua relação com a literatura.

Desse modo, é diante dessa conjuntura que novas abordagens temáticas, gráficas, de linguagem e tantas outras começam a perpassar os textos direcionados às crianças e aos jovens. Contudo, de acordo com Silveira e Silveira (2019), a doença sempre foi um tabu para a sociedade ocidental contemporânea, em decorrência dos sentidos que a ela são atribuídos, e, com a Aids, isso se torna ainda mais evidente, considerando que a discursividade epidêmica que a envolve produz espectros que se cristalizaram no imaginário social, tornando-a um assunto pouco discutido em diferentes espaços.

Sendo assim, surgiram pesquisas em duas vertentes principais na relação entre literatura infantil e juvenil e HIV/Aids: (i) as que localizam o livro que aborda a temática em questão dentro do conjunto da obra de determinado autor; e (ii) aquelas que utilizam as narrativas a fim de informar sobre o vírus e a doença e/ou de auxiliar no tratamento de crianças e jovens acometidos por eles. Ou seja, o caráter singular da temática – na primeira vertente – e o literário – na segunda – são escanteados, pois não são considerados como cerne dessa produção literária.

À vista disso, com o intento de não perpetuar o silenciamento e o apagamento constatado

ao longo dos anos que sucedem à epidemia no Brasil, desde seu início, na década de 1980, a seguir apresentaremos um panorama das obras literárias infantis e juvenis brasileiras impressas que tematizam o HIV/Aids.

2 Panorama inconcluso da LIJ brasileira que tematiza o HIV/Aids

A tentativa de realizar uma pesquisa panorâmica, na atualidade, é quase sempre improfícua em relação ao que se almeja, tendo em vista que, principalmente quando o foco é a produção literária, o quantitativo de obras é sempre maior do que é passível de total apreensão. Tal imbróglio é ainda mais evidente ao demarcar a literatura infantil e juvenil, principalmente após a década de 1970, pois o aumento de sua produção foi significativo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Além disso, com o avanço tecnológico em consonância com o processo de expansão do mercado editorial, o suporte físico do objeto livro começa a coexistir com o digital, e, nesse espaço, as publicações são ainda mais dinâmicas, com o uso de diferentes plataformas.

Considerando esses fatores, a sistematização que será proposta enfoca as obras impressas publicadas – independentes ou por editoras – entre os anos 1980 e 2020. O recorte realizado também se deu, especialmente, sobre os textos em prosa, pois sua produção é expressivamente maior do

que a poética, quando nos referimos aos textos direcionados às crianças e aos adolescentes.

Posto isso, o levantamento dos títulos ocorreu por diferentes vertentes, sendo elas: (i) aporte bibliográfico teórico-crítico sobre literatura e HIV/Aids no Brasil; (ii) aporte bibliográfico teórico-crítico sobre LIJ brasileira; (iii) acervos de bibliotecas públicas, mais especificamente a Biblioteca Juarez da Gama Batista e a Biblioteca Indústria do Conhecimento, ambas localizadas em João Pessoa/PB; (iv) *sites* e aplicativos sobre livros e leituras, como Amazon e Skoob; (v) documentos oficiais sobre projetos de ensino; e (vi) acervo de ONGs, como a do Grupo de Apoio e Incentivo à Vida (GIV).

Destaca-se, também, a relevância do *blog*/portal Lhivros & Arthivismo⁵, que objetiva compartilhar e construir um legado cultural das expressões artísticas que tematizam o HIV/Aids – não só produções brasileiras, mas também de outros países, cujo aparato cultural foi de grande valia nessa construção.

No quadro abaixo, estão sistematizadas as obras da literatura infantil e juvenil brasileira impressas que tematizam o HIV/Aids encontradas durante o percurso investigativo, organizadas cronologicamente e com informações elementares, como título, autor e ilustrador – quando especificado –, e ano da primeira publicação, editora e série/coleção – quando integrante.

QUADRO 1 – Sistematização das obras da literatura infantil e juvenil brasileira que tematizam o HIV/Aids

Título da obra	Escritor(a)	Ilustrador(a)	Ano (1ª edição)	Editora	Série/coleção
<i>AIDS: e agora?</i>	Luiz Claudio Cardoso	João Rodrigues Nepomuceno Filho	1989	Scipione	Série Diálogo
<i>Bravo. Pai da esperança. Mãe do sorriso. Discipulo da solidariedade. Namorada do amigão. Que viveu com AIDS.</i>	Mário Rudolf	-	1992	M. Rudolf (produção e editoração)	-
<i>Enquanto houver vida viverei</i>	Júlio Emilio Braz	Rogério Borges	1992	FTD	Coleção questões do nosso tempo

⁵ Disponível em: <https://www.lhivrosearthivismo.com/blog>. Acesso em: 21 nov. 2023.

Título da obra	Escritor(a)	Ilustrador(a)	Ano (1ª edição)	Editora	Série/coleção
<i>A corrente da vida</i>	Walcyr Carrasco	Martinez	1993	Moderna	Veredas
<i>Os guerreiros do tempo</i>	Giselda Laporta Nicoletis	Jesus Dias	1994	Moderna	Veredas
<i>A droga do amor</i>	Pedro Bandeira	Alberto Naddeo	1994	Moderna	Veredas
<i>Um sonho dentro de mim</i>	Júlio Emilio Braz	Martinez	1994	Moderna	-
<i>Fase terminal</i>	Álvaro Cardoso Gomes	Marcelo Martins	1995	FTD	Coleção sinal de alerta
<i>O dono dos pés</i>	Jussara Rocha Kouryh	Paulo Rocha	1996	Bagaço	-
<i>Depois daquela viagem: diário de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS</i>	Valéria Piassa Polizzi	Miadaira	1997	Ática	-
<i>Dias difíceis</i>	Fanny Abramovich	Ricardo Azevedo	1999	Moderna	-
<i>Aprendendo a viver</i>	Júlio Emilio Braz	Rogério Borges	1999	Editores Saraiva	Coleção Jabuti - Vida
<i>A vida é agora: ser jovem nos tempos da Aids</i>	Eliane Maciel	Rogério Borges	1999	Moderna	Veredas
<i>Perdidamente – AIDS: angústias de uma jovem</i>	Júlio Emilio Braz	Rogério Borges	2000	FTD	Questões do nosso tempo
<i>Daniel e Leticia falando sobre aids...</i>	Elisabete Franco cruz, Inês Silva dos Santos, Marcelo Krokosczyk, Nair Brito e Sonia Rodrigues (Produção e roteiro)	César Miranda Alves	2000	Casa Siloé e Grupo de Apoio e Incentivo à Vida (GIV). Editora Ave-Maria.	-
<i>A AIDS e alguns fantasmas no diário de Rodrigo</i>	Jonas Ribeiro	André Neves	2001	Editores Elementar	-
<i>Enquanto estamos crescendo</i>	Valéria Piassa Polizzi	-	2003	Ática	-
<i>E agora, filha?</i>	Isabel Vieira	Avelino Guedes	2003	Moderna	Veredas
<i>Diário de uma aborrecente!</i>	Rosane Magaly Martins	Eugênio Colonnese	2007	Estúdio Criação Bureau	Jóias Literárias
<i>A história de Pedro e Júlia: conversando sobre saúde e doença</i>	Jeanine Brondani	-	2012	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (UFRGS)	-
<i>Fake</i>	Felipe Barenco	-	2014	Dramática	-
<i>Você tem a vida inteira</i>	Lucas Rocha	-	2018	Galera	-
<i>Às vezes</i>	Marlon Souza	Frank William	2018	Publiquei	-
<i>Íris</i>	Lyli Lua	-	2018	Publiquei	-

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro livro que tematiza o HIV/Aids da literatura juvenil é publicado em 1989. *AIDS: e agora?* objetiva, primeiramente, disseminar informações sobre a doença que assolou a segunda metade do século XX. Essa intencionalidade da narrativa é evidenciada pelo autor desde os elementos pré-textuais da obra, uma vez que dedica a publicação "a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, lutam contra a Aids ou a favor dos doentes de Aids" (CARDOSO, 1989, p. 4), como médicos, educadores, pais, entre outros. Outrossim, ainda na dedicatória, é possível constatar como a literatura de ficção "ajuda a manter ou desfazer imagens e identidades" (BESSA, 1997, p. 32), pois o autor da história pontua: "menos àqueles que consideram essa doença uma bruxaria, um castigo, uma maldição divina" (CARDOSO, 1989, p. 4).

Contudo, no prefácio da obra, Cardoso (1989, p. 6) situa que não só apenas à função informativa o livro se destinava, mas "seu propósito é, principalmente, estimular o debate sobre a melhor forma de encarmos uma doença que, além do medo e da morte, está disseminando o preconceito". Logo, verifica-se que, para além das informações sobre contágio, prevenção, sintomas e outras do universo patológico, a narrativa possui certo grau de criticidade sobre o mundo real e a discursividade epidêmica instaurada, de maneira que dialoga com aquilo que propôs Bessa (1997, p. 35) como objetivo dos primeiros textos literários que tematizaram o HIV/Aids, isto é, "atuar diretamente no enfrentamento da epidemia e proporcionar direções para o seu curso presente e futuro", e a literatura juvenil não estava isenta dessa atuação.

Em seguida, deparamo-nos com o livro de Mário Rudolf, lançado em 1992 (Quadro 1), mesmo ano em que Júlio Emílio Braz lança a primeira de suas narrativas juvenis que tematiza o HIV/Aids. O romance de Rudolf (1992) surge a partir das discussões entre o grupo do Projeto Aids, da Secretaria Municipal de São Paulo – na época,

coordenado por Teresinha Pinto⁶ –, e o autor, informações presentes nas orelhas do suporte. Nelas, também é possível encontrar a indicação de que o livro será um instrumento para o professor discutir a temática do HIV/Aids na escola, mas que já apresenta uma postura reativa sobre a epidemia, uma vez que elementos como "vida" são reforçados pela coordenadora no breve texto indicado.

Por fim, na orelha direita, os multiplicadores do projeto afirmam que essa é uma obra que rompe o silêncio e introduz a criança na discussão sobre a Aids. Além disso, é válido ressaltar que o romance em questão é, assim como outras obras de Rudolf, uma publicação independente e que reflete o esforço do escritor em disseminar seus textos literários que tematizam o HIV/Aids.

As narrativas de Júlio Emílio Braz, por sua vez, foram reeditadas diversas vezes, decerto por já ser autor consolidado no campo à época e por possuir, atualmente, uma obra de extensão significativa. Em *Enquanto houver vida viverei* (1992), um jovem é infectado pelo HIV após receber uma transfusão de sangue, pois sofre um acidente de carro e necessita do procedimento, mas também a narrativa evidencia o preconceito e circunscreve a morte como horizonte final, visto que pode ser agrupada aos textos pré-coquetel. Posteriormente, Braz lança *Um sonho dentro de mim*, em 1994, livro no qual a personagem Ana, que vive com o vírus, é uma adolescente que está grávida e precisa lidar com os preconceitos relacionados ao universo da patologia, ou seja, o livro discute diferentes temas do universo do jovem.

Alguns anos depois, em 1999, o autor publica *Aprendendo a viver*, romance em que um pai, também afligido pelo vício do álcool, acaba tirando a própria vida, e o HIV deixa de ser um segredo; a mãe, por sua vez, infectada pelo marido, deve, como aponta o título, aprender a viver, com o apoio de suas filhas. No ano seguinte, 2000, ele publica *Perdidamente – AIDS: as angústias de um jovem*, ficção na qual o preconceito sobre a vi-

⁶ A autora também é responsável por organizar, em parceria com Izabel Telles, o livro *AIDS e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS* (2000), no qual são sistematizados os principais projetos educacionais que discutiam a temática do HIV/Aids no Brasil, a partir da educação preventiva. Ademais, apresenta experiências de outros países e textos críticos sobre populações em estado de vulnerabilidade.

vência com HIV é colocado em evidência quando os alunos de uma escola desconfiam de que a principal jogadora de basquete do time escolar é uma pessoa vivendo com HIV.

De modo geral, as narrativas de Braz ainda são muito demarcadas pelos elementos da epidemia discursiva, principalmente as duas primeiras, e, somente nas últimas, é possível perceber uma mudança acentuada no tom das tramas, pois elas passam a colocar a vivência com o vírus em cena e, desse modo, denotam características da literatura pós-coquetel. No entanto, são especificadas com maior acuidade como textos de transição entre os períodos pré e pós, uma vez que os elementos pré ainda estão arraigados nos escritos.

A corrente da vida (1993) é, provavelmente, o romance juvenil brasileiro mais conhecido que aborda a temática, especialmente pelo fato de que seu autor possui diversos textos voltados ao público infantil e juvenil, além de ser premiado na área e consolidado no cenário nacional. O livro aparece em estudos inscritos na vertente de localizar um título no conjunto da obra de um determinado autor, como é o caso da dissertação *Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrazco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979-2010)*, de Patrícia Tiúman (2011). A narrativa em questão está atualmente em sua terceira edição, publicada em 2013, e sofreu alterações textuais substanciais em comparação à primeira, em decorrência do avanço da discussão e compreensão do HIV/Aids na contemporaneidade.

Em 1994, Giselda Nicoletis publica *Os guerreiros do tempo*, um livro juvenil de ficção, no qual a personagem principal, Bianca, encontra-se diante da possibilidade de ter sido infectada pelo vírus depois de ter relações com seu namorado que vive com o vírus. Após o diagnóstico positivo, a personagem se transforma em Arantxa – a guerreira do tempo. A narrativa em questão deixa evidente, a partir do título, as metáforas militares que destaca Susan Sontag (2007), pois enfatiza

a ideia de “guerra” contra a doença – que ocupa a posição de “inimiga” – mediante a linguagem.

O livro de Pedro Bandeira, *A droga do amor* (1994), dá continuidade à série *Os Karas*, publicada pela Editora Moderna. A sinopse da obra de ficção aponta que, na narrativa, um cientista americano criou a cura para a “praga do século” e foi sequestrado no Brasil. A metáfora em questão diz respeito à Aids, nomenclatura que não é mencionada em nenhum trecho da história, pois, no posfácio, o autor comenta que, em peças de Henrik Ibsen e Luigi Pirandello, doenças como a sífilis e o câncer são encobertas pelo termo “praga” e, por isso, tornam-se atemporais. Bandeira, por sua vez, utiliza esse recurso na tentativa de não datar sua obra.

Entretanto, ao passo que opta por esse empreendimento, finda por inscrever o texto na metaforização das controvérsias biológicas e da guerra como mobilização ideológica, que também marcaram a epidemia do HIV/Aids, por apresentar a doença como invasora da sociedade, à luz dos escritos de Sontag (2007). Ademais, esse artifício figurativo é reforçado, também, na sinopse, ao colocar a doença como “o mal que está transformando o amor em morte”; tal arranjo textual pode ser relacionado, ainda, com a propaganda do Ministério da Saúde, no Brasil de 1988, na qual o narrador, após uma adaptação do poema *Quadrilha*, de Drummond, afirma: “Não morra de amores. Use camisinha!”; isto é, também fazendo alusão à proposição “Aids = morte”, em decorrência de um dos meios de infecção que é as relações sexuais.

É essa vinculação⁷ que perpassa os primeiros escritos sobre a Aids e compõe a era pré-coquetel (SOUSA, 2015a, 2015b, 2016), que também se encontra na ficção *Fase Terminal* (1995), de Álvaro Cardoso Gomes, na qual Vado – personagem da narrativa – estava no estágio final da síndrome, como remete o título, e termina sucumbindo à doença.

O romance de Jussara Kouryh, *O dono dos pés* (1996), possui relevância por ser o primeiro título

⁷ Apesar dos avanços na discussão do tema na contemporaneidade, a ideia da Aids como “a doença do amor” também é encontrada em romances recentes, como em Íris (2018), de Lyli Lua.

juvenil que tematiza o HIV/Aids publicado no ano que Sousa (2016) denominou como "ponto de mutação", pois havia iniciado a distribuição dos primeiros antirretrovirais pelo Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. Além disso, é válido salientar que o trabalho de Kouryh com a temática se estende para além da ficção, visto que ela lançou, em 2011, um livro informativo intitulado *Aids (HIV)*.

Outro fato que merece destaque é por ter sido o primeiro romance juvenil com a temática publicado no nordeste brasileiro, uma vez que se constata uma predominância das obras no sudeste do país. A questão geográfica adquire ênfase porque, em Pernambuco, também foi desenvolvido o projeto "Aids na Escola", iniciado ainda no final da década de 1990, como parte do EDUCAIDS (projeto de âmbito nacional), com o objetivo de reunir profissionais da educação e da saúde, a fim de discutir sobre a conscientização acerca do vírus e da doença por parte de crianças e adolescentes (ROBALINHO, 2000).

Desse modo, compreende-se que a relação entre literatura, HIV/Aids e escola é intrínseca, pois o contexto social e histórico da época condicionou os modos de produção dos textos literários que envolvem a temática. Os projetos educacionais foram disseminados por todo o país, e, dentro de alguns deles, obras foram produzidas, como a de Rudolf. Eles surgem na tentativa de conscientizar, prevenir e informar a população infantil e juvenil acerca do vírus e da doença, assim como de lançar novas reflexões sobre o modo como a temática estava sendo propagada discursivamente, de forma que muitas delas já preconizavam o combate ao estigma tão evidente na contemporaneidade.

Outrossim, o próprio contexto de produção era favorável a esse tipo de abordagem temática, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre os temas transversais em 1996.

No ano seguinte, 1997, é publicado *Depois daquela viagem*, uma narrativa de trajetória, como intitula Moriconi (2020), uma vez que surge em um contexto extremo, no qual a autora necessi-

tava falar sobre a experiência com a Aids, e que, também, configurou uma tentativa de não morrer discursiva e simbolicamente diante do período das décadas de 1980 e 1990. Além disso, como afirma Polizzi, em entrevista à Bessa (2002), a escrita foi motivada concomitantemente pelo anseio de transformar a compreensão do que era viver com HIV/Aids, pois, nos EUA, ela já havia constatado um sentimento de esperança que era lacunar no Brasil.

Por sua grande circulação nacional, principalmente no espaço escolar, o diário marcou o imaginário de vários jovens da geração 2000, e, mesmo mais de 20 anos após seu lançamento, esse livro ainda possui uma disseminação expressiva, visto que foi o único encontrado e selecionado no catálogo do PNLD Literário (2018) com a temática aludida, como atesta Fonseca (2020).

Posteriormente a essa publicação inicial, que foi um sucesso de vendas e reimpressões, Valéria Piassa Polizzi só publica outro livro cerca de seis anos depois, sendo esse uma coletânea de crônicas, intitulada *Enquanto estamos crescendo* (2003), na qual há diferentes abordagens temáticas, como as intempéries da adolescência, da sexualidade e das relações familiares que constituem e atravessam a vida dos jovens, público destinatário da publicação.

Apesar de Polizzi se aventurar por outras searas, também aborda o HIV/Aids e outras Infecções sexualmente transmissíveis (IST's), a exemplo da crônica *Só uma vezinha*. Diante disso, julgamos relevante que esse último, além de ser um livro no qual a escritora opta por um gênero textual que difere de sua primeira obra, destaca-se pelo caráter ficcional predominante dos textos que nele são compilados. Em contrapartida, é no ano de 1999 que está situado o maior número de produção literária com a temática especificada dentro do período investigado.

Em *A vida é agora: ser jovem nos tempos da Aids* (1999), de Eliane Maciel, é possível perceber os elementos tecnológicos que começam a compor os livros infantis e juvenis – tanto nos projetos gráficos das obras quanto nas narrativas –, pois a personagem principal relata, em seu *laptop*,

percalços da vida, como as doenças oportunistas em decorrência do estado avançado da síndrome da imunodeficiência.

Por sua vez, em *Dias difíceis* (1999), de Fanny Abramovich, a temática do HIV/Aids está diluída – de maneira explícita e, por vezes, elípticas – no romance juvenil centrado em uma família nuclear, na qual a mãe é acometida pela patologia, e é narrado o processo de adoecimento da personagem, desde o diagnóstico até a sua morte. No entanto, o livro se destaca mediante o lugar de enunciação que os filhos assumem, pois, em determinados momentos de foco narrativo, demonstram estar imersos em um cenário de incompreensão do que estava sucedendo à figura materna, além de representarem uma rede de sociabilidade familiar tão significativa e simbólica durante os principais anos da epidemia.

A narrativa em questão se enquadra como transitória quando a relacionamos aos períodos pré e pós-coquetel da literatura (SOUSA, 2015a, 2015b, 2016), visto que retrata elementos da primeira fase, como a morte, mas também lança novas perspectivas de vida, por meio da infância e adolescência representadas. Logo, compreende-se como a literatura para jovens auxilia no avanço da discussão sobre o tema, pois, como defendem Gross, Goldsmith e Carruth (2010, p. 9), ela “tem o potencial de fornecer fatos e desmascarar mitos, proporcionar modelos de como lidar com situações sociais difíceis e despertar o pensamento crítico e a empatia nos leitores”, em decorrência de seu caráter multidimensional.

No decorrer do processo de localização e sistematização das obras, é possível verificar que as narrativas juvenis são mais profundas do que as infantis. No entanto, considerando o fato de que livros infantis são importantes mediadores de diálogos com as crianças, nos anos 2000, acontece o lançamento de *Daniel e Leticia falando sobre aids...*, livro produzido pelo Grupo de Incentivo à Vida (GIV) e pela Casa Silóé, recomendado pelo Ministério da Saúde e pela Coordenação DST/AIDS, e distribuído pela Secretaria de Educação de São Paulo, dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A narrativa possui um caráter didático bastante evidente, visto que preconizava dispor informações sobre a Aids, para crianças, com linguagem acessível, uma vez que a doença já começava a ser compreendida como uma questão social e era comentada pelos canais midiáticos e em diferentes espaços da sociedade. Entretanto, para além dessas características, a história coloca em questão uma criança que é acometida pelo vírus e aponta, principalmente, para a urgência da vida nos escritos sobre a Aids, de tal maneira que sua abordagem avança nesse aspecto.

Na trama, Leticia é uma personagem que não vive com HIV, mas é muito curiosa em compreender o que é a Aids, pois Daniel, um colega de sua escola, vive com o vírus. Contada nas perspectivas de cada personagem, a história culmina em um encontro no meio do livro, no qual os diferentes focos narrativos são atravessados, mediante a solidariedade que é apontada como ferramenta principal de união entre diferentes sujeitos.

Além desse livro, o GIV também produziu uma narrativa gráfica que está disponível em sua página oficial, intitulada *A história de Beto e Juju*, em parceria com a Associação François-Xavier Bagnoud do Brasil (AFBX), criada por José Araújo Lima (AFBX) e Elizabete Franco Cruz (GIV), com ilustrações de Luiz Augusto Ribeiro, mas que não foi publicada de maneira impressa.

No ano seguinte, 2001, foi lançado o livro literário infantil *A Aids e alguns fantasmas no diário de Rodrigo*, escrito por Jonas Ribeiro e ilustrado por André Neves – um dos principais escritores e ilustradores da literatura infantil brasileira contemporânea. Na diegese, Rodrigo – protagonista do conto – narra os seus medos e sonhos, como em um diário. O personagem, infectado por transmissão vertical, conta um pouco de sua angústia por não ter conhecido a figura paterna, que faleceu em decorrência da síndrome, e pelo tanto que lhe faz falta esse referencial.

Ademais, as escritas em primeira pessoa, que compõem a ficção, são bastante metafóricas, o que implica à obra um grau elevado de linguagem e estética, mas também são perpassadas com

informações sobre o vírus, a doença, a transmissão, os medos e os preconceitos, como quando Rodrigo afirma:

Qualquer dia desses ainda vou fazer um congresso com todos os meus fantasmas. Vou pular tão alto que vou passar as nuvens, o azul, algumas galáxias e vou voltar trazendo nas mãos, nos olhos, na pele e no coração todas as respostas que quero e preciso saber (RIBEIRO, 2001, p. 20).

O trecho acima norteia o quão a imaginação é utilizada como recurso pelo personagem para encontrar as respostas da metáfora dos seus "fantasmas", que encobre as angústias dele em sua vivência. No que diz respeito às ilustrações, elas, por ora, remetem a colagens e, em outros momentos, a desenhos, sempre situando o leitor nesse espaço íntimo, que é o diário.

O livro em questão é significativamente proeminente, dado que, nele, encontra-se o primeiro – e até o presente momento o único – texto poético para crianças e jovens que tematiza o HIV/Aids. Em determinado trecho da narrativa, Rodrigo estava em uma pizzaria e escreve um poema em um guardanapo, o qual é intitulado *Acabará em pizza* e é revelado ao leitor mediante a ilustração; nos versos, há o desejo de que a chuva leve o vírus e as células doentes.

Em 2003, mais uma narrativa juvenil de autoria feminina é publicada, *E agora, filha?*, de Isabel Vieira, que dá continuidade ao livro *E agora, mãe?*, lançado em 1991. Em ambos os enredos, a questão da gravidez na adolescência é abordada, mas, na última obra lançada, a personagem que foi mãe na primeira teme que sua filha adolescente tenha o mesmo destino, porém agora outras preocupações entram em jogo, pois questões como a Aids e as drogas também afetam o universo juvenil. Temas como esses são propostos desde os PCNs (Brasil, 1996) como transversais, atualmente encontrados como temas sensíveis e/ou fraturantes, no entanto que perpassam os textos juvenis até mesmo nas últimas décadas

do século XX.

Posteriormente, em 2007, é lançado o livro *Diário de uma aborrecente!*, de Rosane Martins, um diário ficcional em que a personagem relata alguns episódios de sua vida, dentre eles o relacionamento com um rapaz que conhece virtualmente e com quem tem relações sexuais sem preservativo, o que culmina em outro relato, meses depois, quando atesta o resultado positivo para o vírus. Essa obra⁸ pertence ao Projeto Livro Livre, do Instituto Evoluir, realizado em Blumenau/SC, que objetiva viabilizar o acesso à leitura.

Após um longo período, no qual não localizamos nenhuma obra, em 2012, Jeanine Brondani defende sua dissertação de mestrado intitulada *A história infantil como recurso para a compreensão do processo saúde-doença pela criança com HIV*. Nela, a autora produz uma narrativa infantil que serve como instrumento de sua pesquisa, denominada *A história de Pedro e Júlia: conversando sobre saúde e doença*.

Dividida em cinco capítulos, que estão circunscritos no universo do HIV/Aids, o enredo da história é desdobrado em espaços como a escola e o hospital, recorrentes em textos infantis e juvenis sobre o tema. Posteriormente, em 2014, *A história de Pedro e Júlia* é publicada como livro pela Novo Tempo Editora, localizada em Porto Alegre/RS. Sobre o processo de criação da história, Brondani (2012, p. 12) afirma em sua dissertação:

Imaginei duas crianças portadoras do HIV, que fazem tratamento sem saber o motivo, conversando entre si. Essa cena era o que mais se aproximava do universo infantil para explicar as complexidades mais comuns do mundo adulto. E a história foi se desenvolvendo: o sistema imunológico ficaria muito pertinente se trabalhado em uma feira de ciências da escola; o segredo, vindo da lealdade de um amigo verdadeiro, aproxima as relações, gera confiança; a contaminação vem de nascença, semelhante a muitas patologias congênitas; a conversa com o profissional de cuidado inclui o familiar mais próximo e algumas verdades são colocadas em cena. Além disso, há o futuro

⁸ Por constituir o acervo do projeto, o livro não pode ser comercializado, fator que dificultou o acesso ao texto. Sendo assim, o contato com ele se deu a partir do site "Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina", resultado de uma pesquisa organizada por Eliane Debus, Maria Laura Spengler e Chirley Domingues, que realizam um mapeamento da literatura produzida para crianças e jovens no estado. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

com sonhos, realidades e incertezas como o de qualquer pessoa.

Narrativas como *A história de Pedro e Júlia* (2014) e *Daniel e Leticia falando sobre aids...* (2000) são majoritariamente descritas nas pesquisas como informativas e/ou utilizadas no auxílio do tratamento de crianças e no seu processo de compreensão da vivência com HIV/Aids. Nesse sentido, o caráter literário dessas histórias é colocado à margem em decorrência da função utilitária que a elas é dada, também presente no processo de produção e elaboração desses textos.

Todavia, preferir a ficcionalidade desses textos pode ser um entrave às discussões representativas e simbólicas que carecem ser potencializadas. Não obstante, é a partir dos anos seguintes que as obras literárias infantis e juvenis brasileiras que tematizam o HIV/Aids começam a ser produzidas não mais em um contexto direcionado à informação e disseminação de conhecimentos; todavia, esses elementos também não são postergados, uma vez que são intrínsecos ao tema, e o discurso biomédico é hegemônico quando se trata do vírus e da doença, logo também os controla discursivamente, como elucida Bessa (1997).

Nas narrativas contemporâneas direcionadas aos jovens, como *Fake* (2014), de Felipe Barenco, *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha, *Às vezes* (2018), de Marlon Souza, e *Íris* (2018), de Lyli Lua, é possível encontrar elementos que surgiam ainda nas décadas finais dos anos 2000, como o preconceito e o estigma, assim como as discussões atuais sobre as profilaxias pré-exposição (PREP) e pós-exposição (PEP) ao vírus, os espaços como a universidade e os centros especializados de tratamento, a importância das testagens regulares, além de relações sorodiferentes e, principalmente, de aspectos e particularidades da vivência com HIV.

Nesse sentido, esses romances ficcionais também são perpassados pelas inovações gráficas

que acompanham a literatura juvenil contemporânea, como os diálogos em redes sociais representados ilustrativamente, e apresentam perspectivas diversas ao leitor, conduzindo-o à reflexão sobre a temática e a importância de não esquecer os anos iniciais da epidemia, mas compreendê-los como memória e não mais como conjuntura atual. Portanto, salientamos que é imprescindível que obras como essas sejam encontradas nas escolas contemporâneas, não apenas aquelas produzidas em um contexto dessemelhante, em consonância com Fonseca (2020).

Outrossim, apesar de o enfoque principal da pesquisa recair sobre os textos impressos, também é importante ressaltar que, no espaço digital, em formatos como *epubs* para Kindles e outros, as ficções que tematizam o HIV/Aids também são localizadas. À vista disso, evidencia-se a coleção *Histórias em Quadrinhos*, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (HQ SPE)⁹, lançada, em 2010, por meio de uma parceria entre a UNESCO, no Brasil, e os Ministérios da Saúde e da Educação.

Junto às narrativas gráficas, também foi disponibilizado o *Guia de Utilização em Sala de Aula*, a fim de auxiliar os professores no trabalho com o material, dividido em seis módulos, com diferentes temáticas que perpassam o universo do jovem – entre elas, um intitulado “Viver e conviver com HIV e Aids”. A coleção é composta de seis HQs, e o n. 4, denominado *Ficar ou não ficar?*, é atravessado pela temática.

Considerações finais

O panorama histórico apresentado intencionou positivar as obras literárias infantis e juvenis brasileiras que tematizam o HIV/Aids entre 1980 e 2020. Todavia, é fato que, apesar dos esforços para produzir um quadro completo dos textos, em decorrência das limitações de apreensão total e dos recortes especificados, o histórico apresentado é inconcluso. Apesar disso, ele propicia diversos caminhos de pesquisa e resultados

⁹ A coleção pode ser encontrada no site do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) do Brasil. Disponível em: <https://brasil.unfpa.org/pt-br/publications/hq-spe-hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-projeto-sa%C3%BAde-e-preven%C3%A7%C3%A3o-nas-escolas>. Acesso em: 29 dez. 2022.

frente às características próprias dos sistemas literários em questão e da temática referida.

Diante disso, iniciamos estas considerações finais – mas que consideramos preliminares –, sinalizando que, no final do século XX, com a expansão do mercado editorial e a ampliação da produção dos textos infantis e juvenis, houve uma dissonância no que diz respeito às edições e reimpressões dos livros. Considerando o cenário de crescimento editorial, diversas obras da literatura infantil e juvenil foram reimpressas, sob a capa de “novas” edições, de maneira que alguns livros, como *A corrente da vida* (1993), ainda no final da década de 1990, já ultrapassavam suas décimas “edições”.

Essa questão, em conformidade com o fato de que muitas dessas obras anteriores à geração 2000 não são mais reimpressas, suscitou um maior esforço na tentativa de chegar às primeiras edições das narrativas explicitadas na Tabela 1. Nesse sentido, é válido ressaltar que o universo de produção de livros é conduzido por uma cadeia produtiva que envolve autores, editores e leitores, bem como, no caso da LIJ, professores, sistemas educacionais e outros elementos. Dessa forma, as produções literárias são envolvidas por essas esferas e por elas são protocoladas.

Contudo, nas duas últimas décadas do século XXI, é possível encontrar novas edições, ou seja, publicações com alterações textuais e de projeto gráfico, que buscam se aproximar das crianças e dos jovens contemporâneos, mas também intencionam desconstruir imaginários estigmatizantes sobre o HIV/Aids. Sob essa perspectiva, há capítulos que são inseridos, e outros reescritos, além de novos ilustradores e diagramações, entre outras características.

Acerca dos títulos compilados, é ostensiva a predominância da Editora Moderna na publicação de textos infantis e juvenis que envolvem a temática, seguida pela FTD. Ambas as editoras possuem um trabalho direcionado ao espaço escolar e publicaram novas edições da maioria dos textos da década de 1990. Em contrapartida, nos últimos 10 anos, nota-se a presença eminente de editoras que publicam textos de autores in-

dependentes, como é o caso da Dramática e da PUBLIQUEI. Sendo assim, se, na década de 1990, Mário Rudolf não mediu esforços para reproduzir e circular suas obras, na contemporaneidade há um empenho das editoras em dar voz a autores(as) autônomos(as).

Diferentemente do que constatou Bessa (2002) sobre uma expressiva parcela dos textos iniciais da “literatura da aids” possuir um caráter autobiográfico, na literatura infantil e juvenil é a ficção que se sobressai em todo o panorama historiográfico. Sob essa vertente, as produções literárias se concentram no sudeste do país, sendo a maioria escrita por homens, mas com cifra de autoria feminina considerável. Acerca das narrativas, os espaços escolar/acadêmico, hospitalar e domiciliar são preponderantes, e, nos textos voltados às crianças, constatamos a presença da vivência resultante da infecção vertical, como também a presença de familiares com o vírus e as angústias que acometem esses sujeitos diante da conjuntura.

Nos textos juvenis, por sua vez, além dos aspectos mencionados, é possível atestar a questão das relações sexuais na adolescência e os seus efeitos, afora o preconceito e o estigma que perpassam todos os textos. Por último, é inconteste que essas produções, ao colocarem esses indivíduos no palco, em consonância com os atravessamentos da infância e da adolescência, possibilitam identificações e estranhamentos que ultrapassam os destinatários implícitos, uma vez que, enquanto literatura, sua potência não é restritiva, e sim contemplativa.

Além disso, se, em 1997, foi lançado o fenômeno editorial de Valéria Piassa Polizzi, hodiernamente esse feito se deu com o livro *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha, que já foi traduzido e publicado em vários países. Paralelamente, se o primeiro marcou a geração 2000, o último tem recriado e ressignificado imaginários sobre as pessoas que vivem com HIV após o acesso e a adesão ao tratamento antirretroviral (TARV).

Por outro lado, observa-se que a profusão de obras com a temática, que ocorreu na última

década do século XX, não se manteve dos anos 2000 em diante. Entre o período de 2010 a 2020, verifica-se uma maior circulação de textos traduzidos no Brasil sobre o tema, como o romance *Dois garotos se beijando* (2015), de David Levithan, e a novela gráfica *Tipo uma história de amor* (2020), de Abdi Nazemian – autores norte-americano e iraniano-americano, respectivamente.

Por fim, muito se questiona o lugar dos textos que tematizam o HIV/Aids como literários, em virtude do caráter informativo e didático presente em muitos deles. Todavia, como explicitado na ordem dos discursos, quando um autor se propõe a realizar a abordagem temática de uma doença em sua prosa/poética textual, o discurso biomédico assume a orientação inicial. Inegavelmente, no âmbito literário, é propício que essa esfera seja convertida mediante o jogo dramático, imagético e figurativo da linguagem. Porém, no tocante ao público destinatário do sistema a que nos referimos e ao contexto de produção dos primeiros textos sobre o tema, as perspectivas elucidativas sobre o HIV/Aids foram imperativas.

Em suma, a relação entre literatura infantil e juvenil e o espaço escolar é intrínseca, sendo indevido desconsiderar essa relação e as suas implicações práticas. Logo, compreende-se que, com a mudança de prisma do vírus e da doença não apenas como um problema biológico, mas também social, a literatura principia um desmembramento desse contexto inicial e preconiza arranjos formais e estéticos que sobejam os óbices apregoados e que circunscrevem uma história ainda pouco contada.

Referências

- ABDI, Nazemian. *Tipo uma história de amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Dias difíceis*. Ilustração: Ricardo Azevedo. São Paulo: Moderna, 1999.
- ANUNCIACÃO, Maurício Silva da. *HIV positivo, corpos que resistem: escrituras, identidades e subjetividades*. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- BANDEIRA, Pedro. *A droga do amor*. Ilustração: Alberto Naddeo. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Veredas).
- BARENCO, Felipe. *Fake*. Petrópolis: Dramática, 2014.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a aids*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BESSA, Marcelo Secron. *Os perigosos: autobiografias & aids*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BRASIL. *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990*. 6. ed. Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70318/64.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Guia digital PNLD 2018 - literário: apresentação*. Brasília: Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2018. Disponível em: https://www.fnnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Guias/Guias_PNLD_2018/Guia_PNLD_Literario_2018.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BRAZ, Júlio Emilio. *Aprendendo a viver*. Ilustração: Rogério Borges. São Paulo: Saraiva, 1999. (Coleção Jabuti – Vida).
- BRAZ, Júlio Emilio. *Enquanto houver vida viverei*. Ilustração: Rogério Borges. São Paulo: FTD, 1992. (Coleção Questões do Nosso Tempo).
- BRAZ, Júlio Emilio. *Perdidamente – AIDS: angústias de uma jovem*. Ilustração: Rogério Borges. São Paulo: FTD, 2000. (Coleção Questões do Nosso Tempo).
- BRAZ, Júlio Emilio. *Um sonho dentro de mim*. Ilustração: Martinez. São Paulo: Moderna, 1994.
- BRONDANI, Jeanine Porto; Pedro, Eva Neri Rubim. *A história de Pedro e Júlia*. Porto Alegre: Novo Tempo, 2014. v. 1000.
- BRONDANI, Jeanine Porto. *A história infantil como recurso para a compreensão do processo saúde-doença pela criança com HIV*. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CARDOSO, Luiz Claudio. *AIDS: e agora?* São Paulo: Scipione, 1989.
- CARRASCO, Walcyr. *A corrente da vida*. Ilustração: Martinez. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Veredas).
- ELMAN, Julie. "Nothing Feels as Real": teen sick-lit, sadness, and the condition of adolescence. *Journal of Literary & Cultural Disability Studies*, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 175-191, 2012. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/jlcds.2012.15>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- FONSECA, Leandro Noronha da. A presença do HIV/ aids em obras literárias selecionadas pelo PNLD Literário 2018. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 7, n. 22, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3761>. Acesso em: 18 dez. 2022.

- FONSECA, Leandro Noronha da. *HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira*. 2019. 145 f. Monografia (Especialização em Mídia, Formação e Cultura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FONSECA, Leandro Noronha da. *HIV/aids e poesia contemporânea brasileira na antologia "Tente entender o que tento dizer", organizada por Ramon Nunes Mello*. 2022. 242 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Fase terminal*. Ilustração: Marcelo Martins. São Paulo: FTD, 1995. (Coleção Sinal de Alerta).
- GROSS, Melissa; GOLDSMITH, Annette; CARRUTH, Debi. *HIV/Aids in Young adult novels: an annotated bibliography*. Plymouth: The Scarecrow Press, 2010.
- GRUPO DE INCENTIVO À VIDA; CASA SILOÉ. *Daniel e Leticia falando sobre aids...* Ilustração: César Miranda Alves. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- KOURYH, Jussara Rocha. *AIDS [HIV]*. Recife: Bagaço, 2011.
- KOURYH, Jussara Rocha. *O dono dos pés*. Ilustração: Paulo Rocha. Recife: Bagaço, 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LEVITHAN, David. *Dois garotos se beijando*. 2. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.
- LIMA, José Araújo; CRUZ, Elizabete Franco. *A história de Beto e Juju*. São Paulo: AFBX; GIV, [n.d.]. Disponível em: <https://giv.org.br/publicacoes/index.html>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- LUA, Lyli. Íris. Rio de Janeiro: Publiquei, 2018.
- LHIVROS & ARTHIVISMO. *Blog do Lhivros & Arthivismo: Expressões artísticas que envolvam o hiv e/ou a aids*. Disponível em: <https://www.lhivroearthivismo.com/blog>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- MACIEL, Eliane. *A vida é agora: ser jovem nos tempos da Aids*. Ilustração: Rogério Borges. São Paulo: Moderna, 1999. (Coleção Veredas).
- MELO, Danilo Rodrigues; PENNA, João Camillo. *Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel*. *Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, ano 12, 2017. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-e-hiv-aids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coquetel>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- MELLO, Ramon Nunes (org.). *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- MORICONI, Italo. Urgência, orgia: escritas da Aids. In: MORICONI, Italo. *Literatura, meu fetiche*. Organização de Paloma Vidal e Ieda Magri. Recife: CEPE, 2020. loc. 141-156.
- NICOLELIS, Giselda Laporta. *Os guerreiros do tempo*. Ilustração de Jesus Dias. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Veredas).
- POLIZZI, Valéria Piassa. *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com aids*. São Paulo: Ática, 1997.
- POLIZZI, Valéria Piassa. *Enquanto estamos crescendo*. São Paulo: Ática, 2003.
- RIBEIRO, Jonas. *A AIDS e alguns fantasmas no diário de Rodrigo*. São Paulo: Elementar, 2001.
- ROBALINHO, Guilherme. I EDUCAIDS Regional Nordeste: ações de prevenção em saúde – estabelecendo parcerias. In: PINTO, Teresinha; TELLE, Izabel da Silva. *Aids e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS*. São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF, 2000. p. 15-18.
- ROCHA, Lucas. *Você tem a vida inteira*. Rio de Janeiro: Galera, 2018.
- RUDOLF, Mário. *Bravo. Pai da esperança. Mãe do sorriso. Discipulo da solidariedade. Namorada do amigão. Que viveu com AIDS*. São Paulo: M. Rudolf, 1992.
- RUDOLF, Mário. *De agosto a agosto com muito gosto*. São Paulo: Edição do Autor, 1990.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SILVEIRA, Bruna Rocha. A doença na literatura infanto-juvenil: análise de quatro obras contemporâneas. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 29, p. 389-406, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108001/118198>. Acesso em: 15 set. 2022.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SILVEIRA, Bruna Rocha. Doença e juventude na sick-lit. *Em Aberto*, Brasília, v. 32, n. 105, p. 107-120, 2019. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4212/3664>. Acesso em: 15 set. 2022.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUSA, Alexandre Nunes de. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: notas sobre a memória da AIDS no cinema e na literatura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, 2., 2016, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: PPGMS Unirio, 2016. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- SOUSA, Alexandre Nunes de. *Literatura pós-coquetel (parte 1)*. In: DIÁRIO de um Jovem Soropositivo, [S. l.], 8 out. 2015a. Disponível em: <https://jovensoropositivo.wordpress.com/2015/10/08/literatura-pos-coquetel-1/>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- SOUSA, Alexandre Nunes de. *Literatura pós-coquetel (parte 2)*. In: DIÁRIO de um Jovem Soropositivo, [S. l.], 20 out. 2015b. Disponível em: <https://jovensoropositivo.wordpress.com/2015/10/20/literatura-pos-coquetel-2/>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- SOUZA, Marlon. *Às vezes*. Ilustração: Frank William. Rio de Janeiro: Publiquei, 2018.
- TIUMAN, Patrícia Elisabel Bento. *Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979-2010)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6116>. Acesso em: 21 nov. 2023.

TURCHI, Maria Zaira. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 17, p. 81-92, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/29410>. Acesso em: 27 dez. 2022.

UNFPA Brasil. HQ SPE: Histórias em quadrinhos – Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas. In: UNFPA Brasil. Brasília, c2023. Disponível em: <https://brazilunfpa.org/pt-br/publications/hq-spe-hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-projeto-sa%C3%BAde-e-preven%C3%A7%C3%A3o-nas-escolas>. Acesso em: 29 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina*. Florianópolis, c2023. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

VIEIRA, Isabel. *E agora, filha?* Ilustração: Avelino Guedes. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Veredas).

VIEIRA, Isabel. *E agora, mãe?* São Paulo: Moderna, 1991.

Isaque da Silva Moraes

Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduando em Jornalismo (UFPB). Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa na Paraíba (FAPESQ).

Daniela Maria Segabinazi

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB) e do curso de graduação em Letras (presencial e a distância) da UFPB.

Endereço para correspondência:

ISAQUE MORAES/DANIELA SEGABINAZI

Universidade Federal da Paraíba, *Campus I*, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Jardim Universitário, s/n, Ambiente de Docentes, sala 03

Castelo Branco, 58051900

João Pessoa, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.